

## A ARTE DA ORATÓRIA SAGRADA EM PE. ANTÔNIO VIEIRA

Adriano Portela<sup>1</sup>

Entre o semeador e o que semeia há muita diferença. (...) uma coisa é o semeador e outra o que semeia; uma coisa é o pregador e outra o que prega. O semeador e o pregador é nome; o que semeia e o que prega é ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter o nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o Mundo.

(Pe. Antonio Vieira, *Sermão da Sexagésima*)

**RESUMO:** *Completa-se 400 anos de nascimento do grande Pe. Antonio Vieira, jesuíta afamado por sua habilidade retórica. Para demarcar este acontecimento, retomamos a sua obra, em particular o Sermão da Sexagésima, para analisarmos a arte da oratória sagrada em Vieira, e o Sermão de Santo Antonio aos Peixes, como amostra da aplicação dessa arte, talvez a mais incrível amostra, diga-se de passagem. O intuito é oferecer aos leitores uma contribuição a partir do pensamento de Vieira, quiça o apreço e o desvelo pela oratória sagrada.*

**Palavras-chave:** Pe. Antonio Vieira; Retórica; Oratória Sagrada; Sermão da Sexagésima; Sermão de Santo Antonio aos Peixes.

### INTRODUÇÃO

O ano de 2008 está marcado pela passagem dos 400 anos de nascimento do augusto Pe. Antonio Vieira, nascido em Lisboa, no ano de 1608. Logo aos seis anos de idade, veio para o Brasil, ingressando pouco tempo depois no Colégio Jesuíta de São Salvador da Bahia. Vieira não conheceu outra formação senão a jesuítica, posto que, em 1623, entrou para a Companhia de Jesus, onde professou os votos religiosos dois anos depois. Em 1626, seguiu para o Colégio Jesuíta de Olinda, como professor de retórica, contando nada mais que 18 anos de idade. “Ordenado em 1635, logo iniciou suas pregações, que revelariam um dos maiores gênios da oratória de todos os tempos, como Santo Antônio de Lisboa fora 4 séculos antes” (VERDASCA, 2008).

A fama de Vieira está associada à singularidade de sua retórica, matéria em que era perito, tanto que, ao pensar em Vieira, lembramos os seus Sermões. Por isso, queremos fazer menção ao 4º centenário do seu nascimento, oferecendo uma contribuição a partir do que consideramos ser um verdadeiro tratado vieirano de oratória sagrada: o *Sermão da Sexagésima*, pregado em 1655, na Capela Real; bem como com o enfoque no que pensamos ser o extravasamento de sua genialidade retórica, por ser uma espécie de sermão-modelo e por inserir-se num contexto em vemos claramente a razão de ser do pregador e do seu sermão: trata-se do *Sermão de Santo Antonio aos Peixes*, pregado em 1654, na cidade de São Luís do Maranhão.

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Teologia do ITUCSal e da Licenciatura em Letras com Português e Inglês e respectivas Literaturas do ILUCSal. Orientador: Mauricio da Silva Ferreira

Desse modo, contribuímos com um pouco do espírito desse jesuíta português aos presbíteros de hoje, para quem a tarefa de pregar continuar a ser essencial ao exercício do ministério sacerdotal. E parece-nos pertinente o resgate à oratória sagrada vieirana, uma vez que nos defrontamos com um quadro de banalização da pregação, num contexto em que mais do que nunca ela se faz necessária, e no qual é pouco todo o esmero com o qual se a faça, por diversas razões e por tantos motivos.

Embora não seja a nossa intenção tocar no que concerne ao conteúdo geral da pregação vieirana, mas sim a sua forma, importa situar ligeiramente o contexto histórico-social-teológico em que se encontra o Pe. Antonio Vieira, como sujeito do discurso que é – e isso encontra também ligeiramente o conteúdo de sua pregação, posto que justifica também o seu conteúdo, e não só a sua forma. Nestas linhas gerais, é indispensável a lembrança dos ideais da Contra-Reforma, uma vez que Vieira encontrava-se “dentro dos limites de um catolicismo que se sentia ameaçado por todos os lados: pelas reformas protestantes, pelo conhecimento científico laicizante, pelos gentios judeus e muçulmanos, pelos ‘bárbaros’ do Mundo Novo”. (RONCARI, 1995, p. 142) Por esta razão é que os sermões em questão tratam do problema da falta de conversões à Igreja, quer seja por incompetência dos pregadores (tese do *Sermão da Sexagésima*, que seja por indiferença dos ouvintes (tese do *Sermão de Santo Antonio aos Peixes*).

Não se pode descuidar também que Vieira estava inserido no espírito barroco, cujo gosto é conhecido mormente pela extravagância e obscuridade e tensão de valores opostos. A literatura barroca conhecia duas concepções diferentes: uma, o *cultismo*, que prezava pela *forma*, com o rebuscamento das *palavras*; a outra, o *conceptismo*, que prezava pelo *conteúdo*, com o rigorismo das *idéias*. “O estilo de Vieira é destacante ao máximo pelas qualidades opostas à de uma prosa culta: pela propriedade, pela naturalidade, pela simplicidade, pelo rigorismo, pela precisão verbal, assim nos sermões como (nas suas) cartas límpidas”<sup>2</sup>. Não é de admirar que o jesuíta preferisse o conceptismo ao cultismo, haja vista que era primeiramente um pregador, e não um literato. Inclusive censura os pregadores adeptos do cultismo, destinando-os declaradamente o *Sermão da Sexagésima* aos cultistas, pelo que diz criticar os “estilos modernos” de pregação:

Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte há-de estar branco, da outra há-de estar negro; se de uma parte dizem luz, da outra hão-de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão-de dizer subiu. Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão-de estar sempre em fronteira com o seu contrário?<sup>3</sup>

Todavia, também os escritos de Vieira, como bem sabemos, são incrivelmente repletos de figuras de estilo – e bem o vemos nos sermões aqui citados -, só que como uma consequência natural da escrita de quem domina bem a língua portuguesa, e não como um artifício fundamental ao seu estilo.

## O SERMÃO DA SEXAGÉSIMA

Este sermão ampara-se fundamentalmente na Parábola do Semeador (Lc 8, 4-15), cujo sentido essencial está escondido numa metáfora tacitamente sugerida por Jesus: a pregação é

<sup>2</sup> Antonio Sérgio *apud* RONCARI, 1995, p. 166.

<sup>3</sup> Vieira, Pe. Antonio. *Sermão da Sexagésima*. In Edição de Base: *Sermões Escolhidos*, vol. II. São Paulo: Edameris, 1965.

uma semente. A semente do que saiu a semear é a pregação. “O trigo que semeou o pregador evangélico, diz Cristo que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens”. Repousa na semântica desta parábola – e talvez mais ainda no sermão de Vieira – um claro sentido alegórico.

Em termos de pastoral moderna, podemos afirmar que o autor lançou mão do que viria a ser o famoso *método ver-julgar-agir*, tão usado atualmente na América Latina. Vieira sabia da pouca adesão dos colonos (fora os colonizados) à mensagem evangélica, sobretudo no que dizia respeito à sua implicação social. Tomando a conclusão da parábola, que diz que a semente produziu cem por um em terra boa - *Et fructum fecit centuplum* -, Vieira questiona a si e ao seu auditório:

Se a palavra de Deus é tão eficaz e tão poderosa, como vemos tão pouco fruto da palavra de Deus? Diz Cristo que a palavra de Deus frutifica cento por um, e já eu me contentara com que frutificasse um por cento... Nada disto. Nunca na Igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto? (ibid.)

Segundo o jesuíta, a partir da análise pragmática de causa e efeito, a razão da pouca eficácia da pregação pode ser três, a saber, Deus, o pregador ou o ouvinte. Ele próprio indaga: “Ora suposto que a conversão das almas por meio da pregação depende destes três concursos: de Deus, do pregador e do ouvinte, por qual deles devemos entender que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do pregador, ou por parte de Deus?” (ibid.) A tese de Vieira é que a falta seja por parte dos pregadores, uma vez que, por um lado, “Sempre Deus está pronto da sua parte, com o sol para aquecer e com a chuva para regar; com o sol para alumiar e com a chuva para amolecer, se os nossos corações quiserem” (ibid.); e, por outro, mesmo havendo um tanto de indisposição dos ouvintes, a Palavra de Deus produz efeito – tanto que triunfa dos espinhos e das pedras, como diz a *Parábola do Semeador*.

Ainda segundo a análise de Vieira, “No pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo, a voz. A pessoa que é, e ciência que tem, a matéria que trata, o estilo que segue, a voz com que fala” (ibid.). Procedendo a análise detalhada de cada uma dessas circunstâncias, à qual imprime um raciocínio de dialético, Vieira elimina circunstância por circunstância<sup>4</sup>. O jesuíta expõe uma a uma as razões pelas quais cada circunstância destas seria o motivo pelo qual o pregador não contribui para que a Palavra de Deus não germine com a devida abundância. Depois de dar verdadeiras lições de oratória sobre cada ponto observado, ele próprio contrapunha porque que, embora fosse uma boa razão, não era essa ou aquela circunstância razão principal.

No final das contas, ao seu ver, não era nenhuma dessas circunstâncias a razão do problema em questão. “Moisés tinha fraca voz; Amós tinha grosseiro estilo; Salamão multiplicava e variava os assuntos; Balaão não tinha exemplo de vida; o seu animal não tinha ciência; e contudo todos estes, falando, persuadiam e convenciam” (ibid.). Por esse motivo Vieira volta a se indagar, “Pois se nenhuma destas razões que discorremos, nem todas elas juntas são a causa principal nem bastante do pouco fruto que hoje faz a palavra de Deus, qual diremos finalmente que é a verdadeira causa?” (ibid.)

<sup>4</sup> É impressionante a dialética estabelecida por Vieira neste sermão. Uma dialética entre ele e seus ouvintes, entre o seu pensamento e o de seus ouvintes, dos quais, ele próprio faz questão de supor os questionamentos, externalizando-os. Os antigos utilizavam a dialética método para se chegar a uma conclusão; ela era considerada também um dos meios possíveis para persuadir retoricamente.

O jesuíta conclui que a causa da falta de adesão ao Evangelho não é outra, senão mesmo não pregar a Palavra de Deus:

As palavras que tomei por tema o dizem: *Semen est verbum Dei*. Sabeis, Cristãos, a causa por que se faz hoje tão pouco fruto com tantas pregações? É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus. Falo do que ordinariamente se ouve. A palavra de Deus (como diria) é tão poderosa e tão eficaz, que não só na boa terra faz fruto, mas até nas pedras e nos espinhos nasce. Mas se as palavras dos pregadores não são palavras de Deus, que muito que não tenham a eficácia e os efeitos da palavra de Deus? (ibid.)

Antecipando-se ao questionamento interno dos seus ouvintes ao aparente absurdo da afirmação, Vieira diz:

Pregam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus: *Qui habet sermonem meum, loquatur sermonem meum vere*, disse Deus por Jeremias. As palavras de Deus, pregadas no sentido em que Deus as disse, são palavras de Deus; mas pregadas no sentido que nós queremos, não são palavras de Deus, antes podem ser palavras do Demônio. (ibid.)

E o argumento de Vieira é forte, porque ele respalda-o recorrendo às Sagradas Escrituras, segundo a qual o próprio Jesus fora tentado pelo Demônio, com a deturpação do texto sagrado (cf. Mt. 4,6) Desse modo, “As mesmas palavras que, tomadas no sentido em que Deus as disse, são defesa, tomadas no sentido em que Deus as não disse, são tentação”. (ibid.) E é assim que hoje ainda alguns pregadores dizem palavras do Demônio, proferindo palavras de Deus, mas não a Palavra de Deus.

O jesuíta sabia bem o que estava condenado, e é tão pertinente a denúncia feita por ele, que ainda hoje temos notícias de pregadores que fazem do púlpito uma coisa vultar – dizendo de si, de sua pobreza interior – mas não um lugar precioso do qual reverbera o método de Deus e emanam os critérios evangélicos norteadores da vida cristã. Por isso Vieira interpela a este tipo de pregadores:

Dizei-me, pregadores (aqueles com quem eu falo indignos verdadeiramente de tão sagrado nome), dizei-me: esses assuntos inúteis que tantas vezes levantai, essas empresas ao vosso parecer agudas que prosseguis, achaste-las alguma vez nos Profetas do Testamento Velho, ou nos Apóstolos e Evangelistas do Testamento Novo, ou no autor de ambos os Testamentos, Cristo? É certo que não, porque desde a primeira palavra do Génesis até à última do Apocalipse, não há tal coisa em todas as Escrituras. (ibid.)

Esquecem-se estes pregadores de que “Se [os pregadores] são legados de Cristo devem no desempenho dessa legação querer o que quis Jesus Cristo ao conferir-lha; o que Ele próprio propôs durante a sua vida na terra.<sup>5</sup> Nesse sentido, Vieira tem uma oratória ideal, posto que ampara a sua argumentação, recorrendo abundantemente aos argumentos de autoridade, com os textos bíblicos, os escritos patrísticos e a filosofia grega. Entretanto, não sendo assim, como recomendou Bento XV e como fez Vieira, não conseguimos verificar a verdade de que “A

<sup>5</sup> Bento XV *apud* DIAS, Pe. José de Oliveira. In. *Novo Curso de Oratória Sagrada*, p. 44.

pregação é Deus falando ao homem, é o homem escutando a Deus.”<sup>6</sup> Verificamos homens falando a homens, algumas vezes uns um pouquinho melhor, dado o malabarismo com as palavras – mas quase sempre com o vazio e a carência da devida profundidade.

## A ARTE DA ORATÓRIA SAGRADA

A oratória sagrada é um tipo específico de retórica, apropriado para o ambiente eclesial, assim como o discurso jurídico o é para o tribunal. A “retórica é a arte de persuadir pelo discurso” (REBOUL, 2000, p. XIV). Por isso, ela “não é aplicável a todos os discursos, mas somente àqueles que visam a persuadir...” (ibid.) Persuadir significa *fazer-crer* nalguma coisa, sem necessariamente está implícito o *fazer-fazer*. Alguns, diferentemente, fazem a distinção entre *persuadir* e *convencer*, dizendo que este último significa *fazer-compreender*. Desse modo, alguém pode ser persuadido a algo, sem está convencido ou, de outro modo, está convencido, sem chegar a ser persuadido. No entanto, o que nos importa é a definição básica de que persuadir é fazer-crer, com vistas em que esse crer faça-fazer. Os antigos já viam na retórica, isto é, na arte de persuadir, três finalidades: *docere* (ensinar), *delectare* (agradar) e *movere* (mover), noutras palavras, fazer compreender, levando a fazer. Só que esse fazer seria uma predisposição de quem fora *persuadido*, e não uma *determinação*.

A retórica é uma arte, do ponto de vista que busca mobilizar o indivíduo não só através do *bom*, mas também do *belo*. A palavra “arte” é uma tradução do termo grego *techné*, que significa tanto uma habilidade espontânea, quanto uma competência adquirida<sup>7</sup>. É desse termo também que deriva a palavra técnica, que o requisito indispensável para a realização de uma tarefa criativa com satisfação.

Segundo Reboul, “O verdadeiro orador é um artista no sentido de descobrir argumentos ainda mais eficazes do que se esperava, figuras que ninguém teria idéia e que se mostram ajustadas”<sup>8</sup>. Artista no sentido de ter uma técnica, embora isto não exclua o aspecto da habilidade espontânea, e sequer a genialidade. Aqui, compreendemos a importância do *Sermão da Sexagésima*, posto que ele, ao tempo que oferece um método para a composição de um sermão, verte uma técnica própria para a oratória sagrada. Por isso é que, nele, deter-nos-emos, em particular, nas partes V, que fala do estilo dos sermões do pregador, e VI, que fala da matéria da qual deve tratar o pregador nos seus sermões, e de qual método utilizar para embuí-la de retórica, a fim de ser o suficientemente persuasiva.

Classicamente, o sistema retórico – e, por conseguinte, a oratória sagrada – previa quatro partes pelas quais devia passar o processo de composição de um discurso: invenção (*heurésis*), que é a busca pelo tema do discurso; disposição (*taxis*), que é a organização interna do discurso; a sua arrumação conforme um plano; elocução (*lexis*), que é a redação do discurso propriamente dita, em outras palavras, a confecção do estilo; e ação (*hypocrisis*), que é o pronunciamento efetivo do discurso, fato em que concorre a voz, os gestos, a postura. Em seu sermão, Vieira praticamente explanou sobre esses quatro passos, razão pela qual o *Sermão da Sexagésima* deve ser considerado o seu tratado de oratória sagrada.

A sua V parte corresponde exclusivamente à questão da *elocução*, isto é, ao estilo a ser empregado. Segundo ele, “O estilo há-de ser muito fácil e muito natural”<sup>9</sup>. O estilo dos

<sup>6</sup> DIAS, *op. cit.*, p. 33.

<sup>7</sup> Cf. REBOUL, *op. cit.*, p. XVI.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> VIEIRA, *op. cit.*

pregadores de sua época era embaralhado, obscuro, porque demais rebuscado. Leiamos o que aconselha belamente Vieira acerca de como deveria ser o estilo ideal:

Já que falo contra os estilos modernos, quero alegar por mim o estilo do mais antigo pregador que houve no Mundo. E qual foi ele? -- O mais antigo pregador que houve no Mundo foi o céu. (...) Suposto que o céu é pregador, deve de ter sermões e deve de ter palavras. (...) E quais são estes sermões e estas palavras do céu? -- As palavras são as estrelas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas. Vede como diz o estilo de pregar do céu, com o estilo que Cristo ensinou na terra. Um e outro é semear; a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrelas. O pregar há-de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas: *Stellae manentes in ordine suo*. Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça labor. (...) Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há-de ser o estilo da pregação; muito distinto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estilo baixo; as estrelas são muito distintas e muito claras, e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem e tão alto que tenham muito que entender os que sabem. (...) Tal pode ser o sermão: -- estrelas que todos vêem, e muito poucos as medem. (ibid.)

Sobre a *ação*, Vieira dedica a VIII parte do Sermão, na qual ele trata da voz do pregador. “Assim há-de ser a voz do pregador, um trovão do Céu, que assombre e faça tremer o Mundo” (ibid.). Citamo-na apenas, sem detalhá-la, somente para dar notícia de que ele aborda esse ponto também. Todavia o que mais nos interessa, talvez seja a parte VI, na qual Vieira, trabalhando sobre a *invenção e disposição*, lega-nos um verdadeiro método para a elaboração de um discurso, no caso em particular, uma peça de oratória sagrada.

Acerca da invenção, ele nos diz:

Usa-se hoje o modo que chamam de apostilar o Evangelho, em que tomam muitas matérias, levantam muitos assuntos e quem levanta muita caça e não segue nenhuma não é muito que se recolha com as mãos vazias. (...) O sermão há-de ter um só assunto e uma só matéria. Por isso Cristo disse que o lavrador do Evangelho não semeara muitos gêneros de sementes, senão uma só: *Exiit, qui seminat, seminare semen*. Semeou uma semente só, e não muitas, porque o sermão há-de ter uma só matéria, e não muitas matérias.

O sermão há-de ser de uma só cor, há-de ter um só objecto, um só assunto, uma só matéria.

(...)

Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses não-de nascer todos da mesma matéria e continuar e acabar nela. (...) Uma árvore tem raízes, tem tronco, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem frutos. Assim há-de ser o sermão: há-de ter raízes fortes e sólidas, porque há-de ser fundado no Evangelho; há-de ter um tronco, porque há-de ter um só assunto e tratar uma só matéria; deste tronco não-de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma matéria e continuados nela; estes ramos não-de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos não-de ser vestidos e ornados de palavras. Há-de ter esta árvore varas, que são a repreensão dos vícios; há-de ter flores, que são as sentenças; e por remate de tudo, há-de ter frutos, que é o fruto e o fim a que se há-de ordenar o sermão. De maneira que há-de haver frutos, há-de haver flores, há-de haver varas, há-de haver folhas, há-de

haver ramos; mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só matéria. (ibid.)

Pensamos que por certo as brilhantes palavras de Vieira dispensam qualquer clarificação da nossa parte.

Na tradição retórica, para a *disposição* do discurso, os autores apontaram planos-tipo com até sete partes, sendo o mais corrente o com quatro partes: *exórdio*, que trata de definir sobre tratará o discurso, e cuja função é tornar o auditório dócil ao discurso; *narração*, que é a exposição clara, breve e credível do tema do discurso; *confirmação*, que é o corpus de provas da tese do discurso; e *peroração*, que é conclusão do discurso, e divide-se em: *amplificação* dos argumentos expostos, *paixão*, que é a defesa da tese ou a refutação da anti-tese, com o recurso ao *patos*; e *recapitulação*, que é o resumo da argumentação, que constitui o retoque final do discurso, o seu acabamento.

As palavras de Vieira que seguem transluzem as quatro partes clássicas de um discurso, dentro do método utilizado pelo próprio Vieira, na elaboração dos seus sermões:

Há-de tomar o pregador uma só matéria; há-de defini-la, para que se conheça; há-de dividi-la, para que se distinga; há-de prová-la com a Escritura; há-de declará-la com a razão; há-de confirmá-la com o exemplo; há-de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão-de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há-de responder às dúvidas, há-de satisfazer às dificuldades; há-de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários; e depois disto há-de colher, há-de apertar, há-de concluir, há-de persuadir, há-de acabar. Isto é sermão, isto é pregar; e o que não é isto, é falar de mais alto. (ibid.)

São basicamente sete passos, e cada qual corresponde a uma das partes do discurso, segundo o sistema clássico da retórica:

1. Definir a matéria (exórdio);
2. Reparti-la (narração);
3. Confirmá-la com a Escritura (confirmação específica da oratória sagrada);
4. Confirmá-la com a razão (confirmação geral);
5. Amplificá-la (amplificação/peroração);
6. Refutar (paixão/peroração);
7. concluir-persuadir (recapitulação/peroração).

## O SERMÃO DE SANTO ANTONIO AOS PEIXES

Já o *Sermão da Sexagésima* constitui-se um bom exemplo da arte retórica vieirana, posto que nele encontraremos todos os elementos do método vieirano de compor sermões. Procuraremos, contudo, demonstrar esses elementos da arte retórica de Vieira em outro sermão, o *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, posto que nos parece ser o ápice da sua oratória, e porque alguns estudiosos enchem uma correlação entre os seis capítulos do Sermão e o as quatro partes do discurso retórico clássico aqui mencionadas: *exórdio* (Cap. I), *exposição* (Cap. II e III), *confirmação* (Cap. IV e V) e *peroração* (Cap. VI). Sem falar no fato da estreita ligação entre o tema deste sermão com o que reflete Vieira no *Sermão da Sexagésima*. É como se o *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* fosse o esforço último de Vieira em cumprir com eficácia a sua tarefa

de pregador, de acordo com o seu pensamento sobre a arte da oratória sagrada, como viria a ser exposto cerca de um ano depois, no *Sermão da Sexagésima*.

## O contexto social do Sermão

Neste sermão, novamente o jesuíta faz a constatação da pouca adesão ao Evangelho, e se pergunta qual será o motivo desta realidade:

Vós, diz Cristo Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm o ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra não se deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra não se deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhe dão, não a querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra não se deixa salgar, e os ouvintes querem imitar o que eles fazem, quer fazer o que eles dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se prega a si, e não a Cristo; ou porque a terra não se deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites”.

Contudo, se no *Sermão da Sexagésima* Vieira defende a tese de que a pouca eficácia da pregação deve-se ao fato de o pregador não pregar realmente a Palavra de Deus, no *Sermão de Santo Antonio aos Peixes* ele está convicto do contrário, isto é, que o motivo é o coração duro do ouvinte que não adere ao Evangelho, uma vez que ele tem consciência cumprir com eficiência a sua tarefa de pregar a Palavra de Deus. Por isso, o sermão é, na verdade, uma resposta do jesuíta à indiferença dos ouvintes a sua pregação evangélica.

Este Sermão foi proferido num contexto de uma tensão dos jesuítas com os colonos portugueses do Maranhão, por causa de algumas propostas dos jesuítas, diante das desmedidas sociais desses colonos, em particular, no que diz respeito ao tema dos índios brasileiros. O sermão foi pregado três dias antes de Vieira embarcar ocultamente para Portugal, com o intuito de obter para os índios uma legislação que os amparasse. Por isso é que todo o sermão é uma resposta do jesuíta à terra que não se deixar salgar, isto é, aos homens que não se deixam tocar pela Palavra de Deus.

## A argumentação do Sermão

O sermão de *Santo Antônio aos Peixes* constitui uma amostra impressionante da habilidade oratória do Pe. Antônio Vieira, que lança mão da alegórica dos peixes (aos quais outorga atributos humanos), para falar satiricamente aos seus ouvintes sobre os vícios e virtudes dos colonos maranhenses. Constitui-se esse sermão uma peça de singular argumentação, na qual a imaginação retórica de Vieira alçou um vôo inigualável. O pregador português aproveita o ensejo da festa de Santo Antônio, que era exímio pregador, para dar o seu recado aos colonos portugueses do Maranhão. Na biografia de Antônio, consta o episódio de uma pregação sua aos peixes, em decorrência da dureza de coração dos italianos da cidade de Arimino. Recordando esse episódio da vida de Antonio, Vieira diz então que não pregará sobre o santo, mas com o santo – pregando também ele aos peixes. É bem verdade, que foi “Aos homens deu Deus o uso da razão, e não aos peixes; mas neste caso os homens tinham a razão sem o uso, e os peixes o

uso sem a razão”<sup>10</sup>. Desse modo, o genial Vieira, por meio do seu discurso aos peixes, fala indiretamente aos colonos maranhenses.

Já no *Sermão da Sexagésima*, Vieira dá um certo respaldo à pregação evangélica de Antonio, e sua também, aos animais (neste caso, os peixes):

Quando Cristo mandou pregar os Apóstolos pelo Mundo, disse-lhes desta maneira: “Ide, e pregai a toda a criatura”. Como assim, Senhor?! Os animais não são criaturas?! As árvores não são criaturas?! As pedras não são criaturas?! Pois não os Apóstolos de pregar às pedras?! Não-de pregar aos troncos?! Não-de pregar aos animais?! Sim, diz S. Gregório, depois de Santo Agostinho. Porque como os Apóstolos iam pregar a todas as nações do Mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar os homens degenerados em todas as espécies de criaturas: haviam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras<sup>11</sup>.

Ora, se os peixes são criaturas, também a eles devem ir pregar os pregadores. Se eles pregam a homens-animais, também o há de fazer animais-homens, afim de que os homens degenerados tomem emenda, por causa do seu exemplo, e se regenerem, voltando a serem homens homens.

Do ponto de vista semântico, depois de introduzir o tema do sermão (cap. I), Vieira dividiu o sermão em duas partes, que demarcam dois momentos diferentes de argumentação, com as suas respectivas confirmações. Dessa maneira, no primeiro momento de argumentação, o jesuíta fala dos louvores dos peixes em geral (cap. II) e dos louvores em particular (cap. III). No segundo momento de argumentação, o autor faz a repreensão dos vícios em geral (cap. IV), e das repreensões em particular (cap. V). Vieira louva a virtudes e repreende os vícios dos peixes, como se eles fossem espelhos dos homens, na verdade, porque as suas virtudes e vícios são as virtudes e vícios dos homens, mais detalhadamente os colonos portugueses do Maranhão.

Em todo o sermão, enxergamos aquela clareza discursiva que reclamava dos pregadores modernos, no *Sermão da Sexagésima*. É notória também a utilização do método que ele aconselhou neste mesmo sermão, como por exemplo a definição da matéria do sermão e a sua repartição, que é a seção sobre o louvor às virtudes e a seção sobre a repreensão aos vícios; bem como a sua confirmação com a Sagrada Escritura e com os escritos dos Padres da Igreja. Por isso, não só pelo brilhantismo e genialidade do recurso utilizado, mas também pela aplicação de sua técnica retórica, o Sermão de Santo Antonio aos Peixes é de muita pertinência para demonstrar a prática da arte retórica vieirana.

## CONCLUSÃO

A crítica de Vieira aos pregadores modernos de seu tempo continua pertinente aos tempos atuais. Talvez não pelos mesmos motivos, mas sim por outros. O certo é que a pregação requer um desvelo da parte de quem a profere. Se Vieira, naquele tempo, recomendava um método, porque sabia da necessidade de técnica para a composição dos sermões, muito mais hoje hemos de fazer o mesmo, por tantas outras razões – a começar, pelo fato de que o sermão já não é mais o modo único de inteirar-se dos assuntos da vida pública, hoje muitos outros instrumentos assumiram este papel de meio de comunicação social

<sup>10</sup> *Sermão de António Vieira aos Peixes*, p. 6.

<sup>11</sup> Vieira, Pe. Antonio. *Sermão da Sexagésima*.

Portanto, muito mais que hoje, hoje, carecemos saber a arte da persuasão. Temos tantos concorrentes à mensagem evangélica, que se faz necessário mudarmos radicalmente a nossa pregação, como fez Vieira no *Sermão de Santo Antonio aos Peixes*. Os instrumentais de Vieira devem servir-nos de incentivo à esta tarefa ingente.

## REFERÊNCIAS

DIAS, Pe. José de Oliveira. *Novo Curso de Oratória Sagrada*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1955.

LUIZ, Roncari. *Literatura Brasileira (dos primeiros cronistas aos últimos)* São Paulo: EDUSP, 1995.

FERREIRA, Fábio. *Padre Antonio Vieira: Algumas Questões sobre o Sermão da Sexagésima*. Disponível em: <http://www.revistatemalivre.com/PadreAntonioVieira.html>.

REBOUL, Oliver. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VERDASCA, José. *Gigante da Oratória Sacra*. Disponível em: <http://vieira2008.blogspot.com/2008/02/gigante-da-oratria-sacra.html>.

VIEIRA, Pe. Antonio. Edição de Base: *Sermões Escolhidos*, vol. II. São Paulo: Edameris, 1965. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/sexagesi.html>.

\_\_\_\_\_. *Sermão de António Vieira aos Peixes*. Biblioteca Digital-Colecção Clássicos da Literatura Portuguesa. Editora Porto, sd.